

Amélia Toledo

ARTIGO 8º

Toda pessoa violada em sua cidadania pode recorrer a um tribunal

Aldemir Martins, passando por Maria Bonomi e Evandro Carlos Jardim. Segundo o crítico e historiador de arte Jacob Klintowitz, que integrou a comissão de seleção, o critério de escolha foi a trajetória singular de cada um dos artistas. "Importava uma excelência de qualidade,

independentemente das tendências estéticas, pois o que caracteriza nossa época é exatamente a multiplicidade dos pontos de vista", explica. Para Radha Abramo, curadora do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado, os participantes da exposição sempre estiveram na luta em defesa dos direitos humanos. "De todos, e em especial o da liberdade de expressão", lembra.

ARTE

Mil palavras

Trinta artistas criam litografias em homenagem aos 200 anos da Declaração dos Direitos do Homem

IVAN CLÁUDIO

Dois séculos depois que a Revolução Francesa colocou no papel as garantias mínimas do cidadão, o desrespeito à pessoa humana ainda é moeda corrente nos quatro cantos do mundo. Para lembrar a assinatura do documento, acontecida em setembro de 1791, 30 artistas brasileiros resolveram gravar em pedra o seu conteúdo, criando a série de litografias que estará em exposição no Sesc Pompéia, em São Paulo, a partir da quarta-feira, 9. Com o título *Cidadania – 200 anos da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão – Declaração Universal dos Direitos Humanos*, a mostra apresenta 30 gravuras inéditas, cada uma delas inspirada em um dos artigos da carta assinada na ONU em 1948 – uma versão aperfeiçoada do documento francês, gerado dentro do ideário iluminista do século XVIII.

A exposição traz nomes capitais da gravura brasileira e constitui um panorama à parte, a começar pelos representantes da geração que despontou na década de 50 e 60, como Octávio Araújo, Renina Katz, Mário Gruber e



Obra de Sérgio Ferro: exposta em Paris

Organizada pelo Governo do Estado de São Paulo e Sesc – Serviço Social do Comércio –, a mostra faz eco à coletiva *Mémoire de la Liberté*, que acontece em Paris, no Centre Georges Pompidou, com o mesmo tema dos direitos humanos. Na França, estarão sendo mostrados, a partir da terça-feira, 8, 55 obras de artistas como o inglês David Hockney, os norte-americanos Roy Lichtenstein e Robert Rauschenberg, o búlgaro Christo e o alemão Joseph Beuys (1921-1986). O paranaense Sérgio Ferro, radicado na França desde 1972, quando saiu do País por razões políticas, é o único brasileiro na mostra. Expõe uma litografia que soma a temática social à releitura dos motivos renascentistas. Segundo Radha Abramo, estes trabalhos iriam integrar a mostra local, mas não se conseguiu o patrocínio de US\$ 100 mil para a sua vinda.

Maria Bonomi

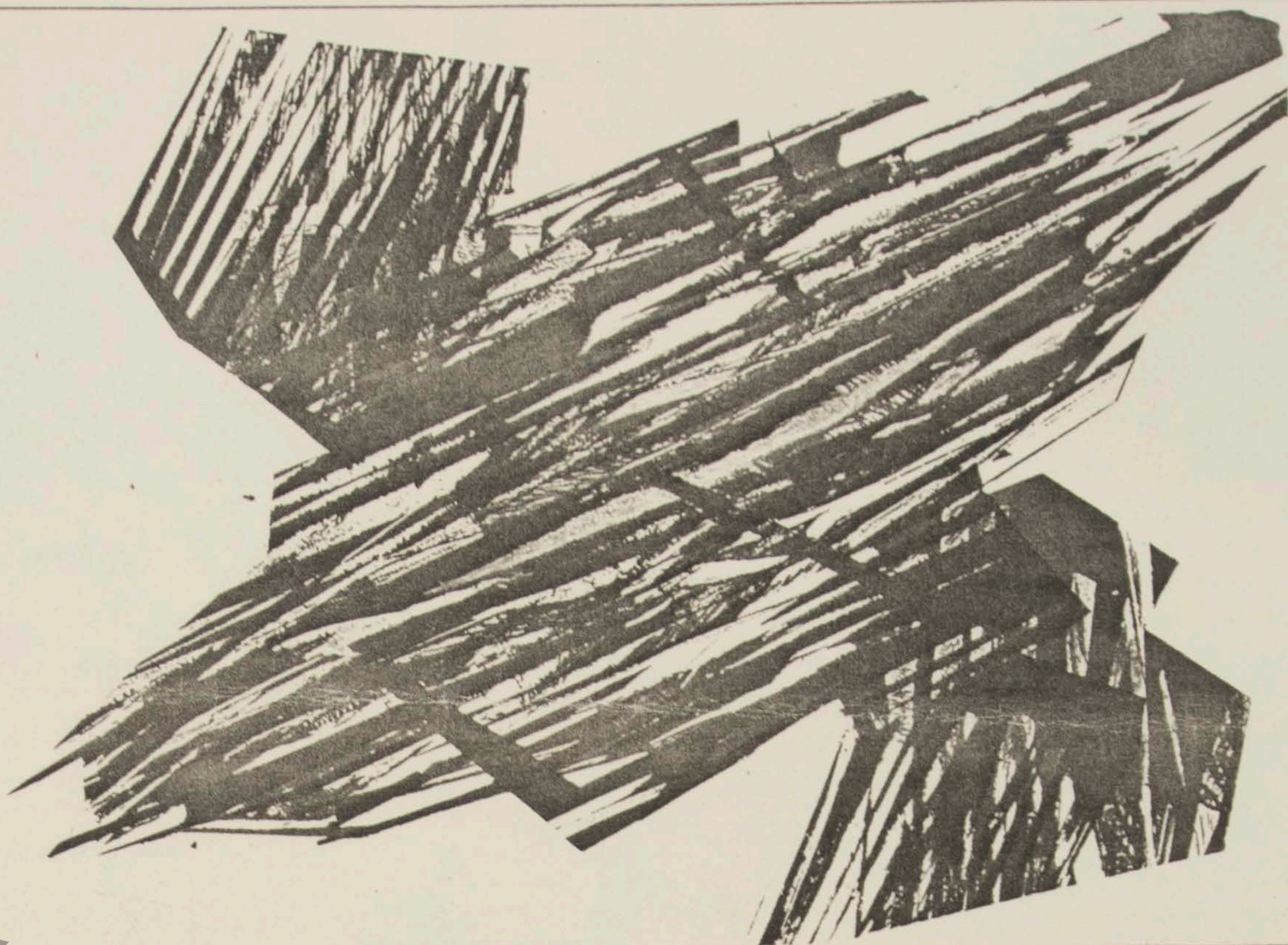
ARTIGO 11
Toda pessoa
acusada de delito
tem direito a que
se presuma
sua inocência

Durante um mês, de agosto a setembro, os 30 artistas que participam da exposição de São Paulo se reuniram no atelier Ymagus, uma gráfica destinada apenas a trabalhos artísticos. A dificuldade de se inspirar em um tema fechado, limitado a algumas linhas de um artigo, foi logo contornada. "Achei que ia ser complicado, mas quando vi a obra já estava pronta", diz Amélia Toledo, que criou uma gravura para o artigo 8º da Declaração. Para representar o direito que toda pessoa tem de recorrer a um tribunal quando violada em sua cidadania, Amélia não se ateu ao conteúdo do texto. Usou as palavras apenas como sinais gráficos e, fiel a sua pesquisa com a vibração da cor, buscou chegar à sensação pura da luz. "Usei um simbolismo mais genérico", afirma Amélia, que, como a maior parte dos artistas, não quis apenas ilustrar a Declaração.

Evitar o risco da ilustração direta foi fácil para os artistas abstratos. Hermelindo Fiaminghi, por exemplo, que se inspirou no artigo 22 da Declaração

**Evandro
Carlos Jardim**

ARTIGO 26
Toda pessoa
tem direito à
educação, gratuita
e obrigatória no
nível básico



(direito à proteção social), não se afastou de sua obra concretista, fazendo uma evolução de formas e cores em uma rede reticular. O mesmo aconteceu com a gravadora Maria Bonomi, que usou apenas linhas para passar o conteúdo do artigo 11 (toda pessoa é inocente, até prova em contrário). "É uma força em expansão, flagrada nos dois momentos citados no artigo", diz Bonomi. "É um recado imediato", acrescenta.

Segundo Evandro Carlos Jardim, houve um grande esforço no sentido de fugir ao panfletarismo. Com três figuras simbólicas – um frasco de tinta, uma casa e um peixe –, Evandro usou objetos cotidianos para falar do direito à educação, o artigo 26 da Declaração. Ao evitar as imagens literais, tão ao gosto de certa arte engajada, os artistas reclamaram um outro direito básico do homem: à imaginação. ●

